



RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO DOCENTE: (DES)CONSTRUÇÃO DE SABERES DAS GRADUANDAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Neiva Maria Rodrigues¹
Fabio Pinto Gonçalves dos Reis²

Resumo

Este trabalho teve como foco problematizar as experiências construídas pelas discentes de um curso de Pedagogia acerca das temáticas de gênero e sexualidades veiculadas na primeira oferta da disciplina “Educação e Diversidades”. Os procedimentos metodológicos envolveram a participação de graduandas do 3º período do referido curso que, durante as intervenções em sala de aula, tiveram suas discussões gravadas. Além disso, as alunas elaboraram um “diário de bordo” que foi utilizado como instrumento de registro das suas reflexões. Analisamos essa experiência pedagógica e consideramos que ela contribuiu para a formação de educadoras que, a partir de frequentes questionamentos, ampliaram possibilidades para uma atuação política coerente com a interface entre educação, gênero e sexualidades.

Palavras-chave: Formação inicial. Gênero. Sexualidades.

Introdução

Este texto originou-se a partir das nossas inquietações como professor/a formador/a do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais, ao percebermos a ausência de discussões sobre gênero e sexualidades no currículo do referido curso e as possíveis consequências disso no trabalho docente. Tal cenário nos fez repensar o processo de formação de professores e professoras, incitando-nos a dialogar com o corpo docente e administrativo da instituição supracitada, intentando, assim, abrir um espaço de negociação interna em busca de alteração na matriz curricular vigente na época. Após muitos enfrentamentos, conseguimos criar a disciplina “Educação e Diversidades” e inseri-la no terceiro período do referido curso, visando a amenizar essa lacuna identificada.


Sendo assim, esta pesquisa buscou, durante as aulas da disciplina Educação e Diversidades, indagar como se constituíam os saberes das graduandas³ em relação aos

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, coordenadora do curso de Pedagogia do UNIFOR, neivamestrado@gmail.com

² Professor adjunto IV na Universidade Federal de Lavras, fabioreis@def.ufla.br

³ Utilizamos apenas o feminino, pois o terceiro período do curso continha somente mulheres.





discursos referentes à temática das diversidades, diferenças, gênero e sexualidades. A partir daí, problematizar as experiências construídas pelas discentes acerca desse assunto, com a finalidade de desconstruir perspectivas e reconstruir saberes, tornou-se o eixo central desta.

Para tanto, nosso percurso metodológico foi norteado por um levantamento bibliográfico de pesquisadoras/es que se ocupam em estudar sexualidades e gênero na educação. Aliado a esse procedimento, desenvolvemos, com as discentes do 3º período do curso de Pedagogia, durante seis (6) meses, uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa e descritiva, por meio dos instrumentos de coleta de dados a saber: o diário de bordo e as narrativas advindas das discussões em sala de aula. No escopo da análise, buscamos problematizar a rede de enunciados produzidos ao longo de toda a pesquisa e os processos pelos quais as graduandas (des)constróem concepções de gênero e sexualidades.

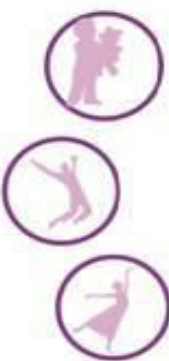
A coroa de espinhos e as concepções das graduandas...

Iniciando nossos trabalhos com a nova disciplina, realizamos o primeiro encontro com as discentes objetivando resgatar os conhecimentos trazidos por elas acerca de conceitos tais como: diversidades, diferenças e desigualdades. Para tanto, a turma foi dividida em pequenos grupos, ficando cada um deles responsável pela definição de um dos temas determinados para o trabalho. A demanda sugerida foi que utilizassem imagens para a realização das referidas definições. Os grupos foram muito criativos ao apresentarem seus conceitos: fizeram uso de cartazes, vídeos, fotos e desenhos. Durante as apresentações, percebemos o desconforto gerado em uma discente por precisar abordar o tema ‘famílias homoafetivas’. Em substituição a este, o termo utilizado por ela foi ‘*famílias não convencionais*’ e, quando questionada sobre a nomenclatura utilizada, a estudante, envergonhada, admitiu: “*Tenho vergonha de falar dessas coisas*”.

Na mesma linha de raciocínio, outro grupo, ao buscar expor as diversidades que apresentavam por meio de um cartaz com fotos, destacou a diversidade religiosa, a de raça, a social e outras. Ao final das apresentações sobre este tema, uma colega questionou sobre uma foto que trazia a imagem de casais homoafetivos. Entre olhares e risos envergonhados, uma das discentes afirmou que se tratava da diversidade sexual. A resposta pareceu ser suficiente. Silêncio! O mesmo silêncio foi perceptível no decorrer de outras falas e apresentações.

Gradativamente, as “vozes” emudecidas abriram espaço para a discussão sobre concepções até então instituídas como verdades a respeito das sexualidades e gênero. A partir de então, outras verdades, outras possibilidades, outras formas de pensar surgiram. Contudo, o cenário era de estranhamento e de questionamento: “*É sobre isso que vamos discutir?*”



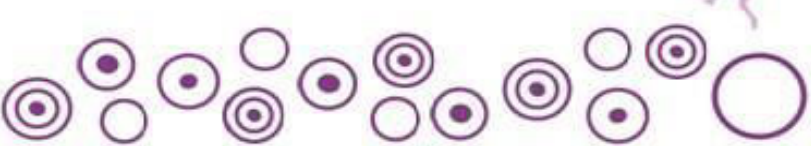


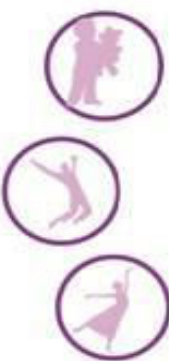
“Minhas concepções são diferentes, como aceitar essas ‘novas’ verdades?” “Nós, como professoras, teremos que trabalhar essas questões com nossos alunos?” Uma mistura de certezas, incertezas, verdades, inseguranças, construções, desconstruções, descobertas, medo. Diante do exposto, afirmamos que, nesse primeiro momento, foram múltiplas as palavras para descrever nossas percepções em relação às graduandas.

Como ponto de partida, solicitamos que lessem, previamente, o texto “Gênero, sexualidade e poder, diferenças e desigualdades: Afinal quem é diferente?”, escrito por Guacira Lopes Louro, em 1997. Ao realizar o debate sobre o material indicado para leitura, foi perceptível a dificuldade manifestada pelas discentes, em relação à compreensão do mesmo. Uma aluna afirmou: *“Eu não consegui assimilar quase nada desse texto. Muito difícil para meu entendimento. Muitas palavras novas. Conceitos novos.”* Outra complementou: *“Não entendi quase nada. Para que pudesse entender esse texto teria que ter conhecimento de muitas outras coisas primeiro. Por exemplo, o que são Estudos Feministas? Identidades de gênero? Identidades sexuais? Tudo isso é novo pra mim.”* Chamou nossa atenção, ainda, outra fala: *“De repente era esse o objetivo da professora: indicar um texto que sabia que teríamos dificuldade pelo fato de que teríamos de ter alguns conhecimentos prévios e não temos esses conhecimentos e assim iria aguçar nossa curiosidade.”*

Diante desses posicionamentos, optamos por direcionar as discussões iniciando a conversa a partir do estudo do conceito de poder. Nas análises pós-estruturalistas, inspiradas em Foucault (1996), o poder é concebido como descentralizado, horizontal e difuso, sendo assim, o autor defende a posição de que não existe “o poder”, o que existe são “relações de poder”, haja vista que onde há seres humanos que se relacionam e dividem os mesmos espaços o poder se faz presente nessas relações. Nesse sentido, entende-se que ele não está presente em algumas pessoas em específico, mas está em todas as pessoas e em todos os lugares. Nessa direção, Guacira Lopes Louro aponta que “os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (2000, p. 45).

Com base no desafio de trabalhar a questão do poder, um dos grupos apresentou uma tirinha do cartunista Maurício de Souza, a qual abordava sobre a divisão do trabalho entre homens e mulheres no casamento. O questionamento que disparou o debate foi: “Entre a maioria dos casais que conhecemos, há uma divisão igualitária das tarefas domésticas?” Foi possível ouvir, nesse momento, uma resposta única, entoada coletivamente: *“Nããã!”* Afirmaram que a realidade diz justamente o contrário. Para uma das discentes, *“a mulher que é dona de casa é considerada como aquela que não trabalha: quando te perguntam: o que você faz profissionalmente? Você responde que é dona de casa. O comentário é imediato:*



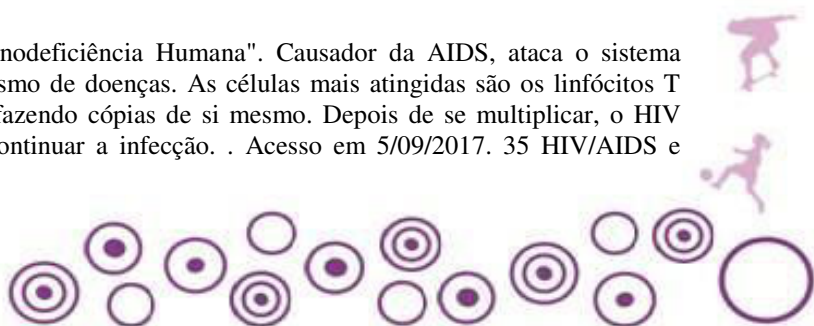



então quer dizer que você não trabalha?” Outra discente complementa que, “*mesmo a mulher ajudando com as despesas da casa, o homem, perante seus amigos, mostra-se superior falando das contas que paga, dos serviços que realiza. Ele tem necessidade de mostrar sua superioridade.*” É possível observarmos nesses enunciados que a divisão social do trabalho é subsidiada pelas relações de poder e ratificada nos discursos dos homens. Nessa perspectiva, Foucault (1996) considera que é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, “instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder, reforça-o, mas também o mina, debilita e permite barrá-lo” (FOUCAULT, 1996, p. 96).

“Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos, antes de tudo, recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas” (FISCHER, 2001, p. 198). Assim, o poder está presente nas relações familiares, sociais e profissionais entre homens e mulheres.

No caminhar da experiência, um dos grupos responsável por retratar o conceito de “diferenças” mostrou que, muitas vezes, “o/a diferente” é motivo de preconceito. Para comprovar isso, desenvolveu a seguinte atividade: foram escolhidas cinco (5) colegas voluntárias e, nas costas de cada uma, colocadas fichas de papel com os dizeres: “tenho HIV” – “sou empresária” – “sou homossexual” – “sou modelo” – “sou moradora de rua”. É importante destacar que as discentes voluntárias não tinham conhecimento dos dizeres contidos nas fichas. Após essa etapa, foi pedido a elas que andassem pela sala e procurassem aproximarem-se das colegas. Três minutos foi o tempo dado para que circulassem pela sala de aula e observassem as reações das demais colegas a seu respeito. Feito isso, passaram para o momento de discussão sobre a dinâmica. Inicialmente, as discentes envolvidas falaram sobre suas sensações: a que tinha HIV disse que foi tratada com hostilidade, uma vez que as colegas recusaram qualquer contato físico. Algumas até declararam que tinham receio de se contaminar. Por consequência disso, ela declarou: “*Senti muita tristeza, me deu vontade de chorar. Elas não me olhavam e diante de minha aproximação se afastavam bruscamente*”. É perceptível a falta de conhecimento das discentes sobre HIV⁴/AIDS. Ficou claro que o

⁴ Sigla em inglês que significa "Vírus da Imunodeficiência Humana". Causador da AIDS, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. O vírus altera o DNA destes linfócitos fazendo cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, o HIV rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. . Acesso em 5/09/2017. 35 HIV/AIDS e homossexualidade.





preconceito ainda prevalece pela falta de conhecimento sobre a doença, desde quando ela tornou-se pública, em meados de 1980.

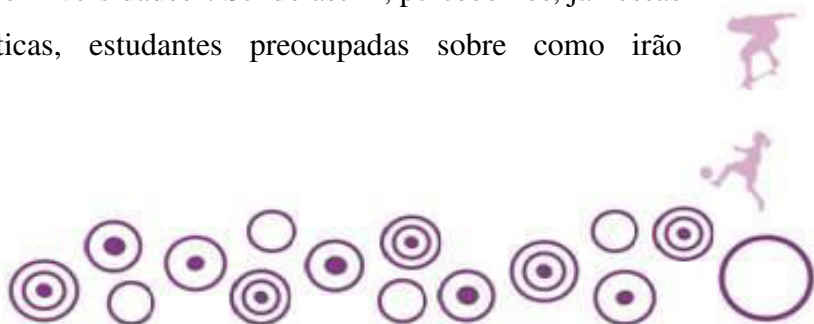
A discente que estava representando a pessoa homossexual disse: *“Fui simplesmente ignorada por muitas colegas. Algumas delas olhavam de cima a baixo. Tentei conversar, mas apenas respondiam com monossílabos ou acenos com a cabeça. Senti-me discriminada.”* O mesmo sentimento demonstrou a discente que representava a moradora de rua. Ela relatou que não conseguiu aproximar-se de ninguém, pois as pessoas afastavam-se dela. *“Fui ignorada, me senti invisível para algumas.”* Diferentemente destas, aquelas alunas que representaram a empresária e a modelo sentiram acolhidas, abraçadas, pois as demais colegas demonstravam querer ficar próximas a elas. *“Achei que eu devia estar representando uma pessoa muito boa, pois as meninas se aproximavam de mim, queriam ficar perto, conversar. Confesso que fiquei decepcionada quando descobri que representava uma empresária, pois pra mim estava claro que toda aquela bajulação era por interesse”.*

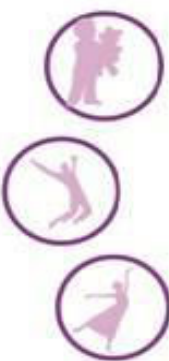
Em seguida, a discussão foi aberta a todas as pessoas presentes na sala. Foi possível percebermos um certo incômodo e desconforto, por parte da maioria das discentes, em abordar os temas propostos, uma vez que questões como essas ainda não haviam sido problematizadas e discutidas no ambiente acadêmico. Percebemos, então, que houve, nesse momento, uma ruptura de saberes. Nesse viés, Cássia Cristina Furlan e Dalci Aparecida Bueno Furlan (2012) consideram que o ambiente acadêmico é um espaço privilegiado para a promoção de discussões sobre variados temas, “contudo ainda continuam perpetuando alguns valores remanescentes de uma sociedade machista e preconceituosa” (p. 307).

Apesar de todos esses estranhamentos, em linhas gerais, as discentes demonstraram interesse em compreender como lidar com essas temáticas espinhosas na escola, em especial, no que diz respeito ao trabalho pedagógico com crianças pertencentes aos anos iniciais do ensino fundamental. Ao mesmo tempo, identificaram na disciplina “Educação e Diversidades” uma oportunidade de ampliação do conhecimento sobre o assunto.

Considerações finais

A provocação de questionamentos que atravessam as relações entre formação docente na universidade e as temáticas de gênero e sexualidades tornaram-se um dos objetivos desenvolvidos pela disciplina “Educação e Diversidades”. Sendo assim, percebemos, já nessas primeiras discussões sobre as temáticas, estudantes preocupadas sobre como irão trabalhar/abordar tais questões na escola.





Nesse sentido, para Roney Polato de Castro (2014), importa menos o que as aulas dizem sobre os/as autores/as, os conceitos, e mais como as estudantes, em relação com as palavras e conceitos desses/as autores/as, podem formar e transformar suas palavras, suas ideias, seus saberes. Como as aulas podem ajudar a pensar e sentir o que ainda não foi possível pensar e sentir. Nessa experiência as estudantes podem encontrar com suas próprias fragilidades, vulnerabilidades e ignorâncias, sua própria impotência, o que escapa ao que sabem, ao que podem, às suas vontades. (CASTRO, 2014).

Durante o desenvolver desse estudo, diversas narrativas das alunas demonstraram a reprodução de discursos normativos disseminados pela sociedade que, se não desconstruídos, legitimam verdades prontas, validam certos comportamentos e desqualificam outros. Para Débora Britzman (2000, p. 105), “toda aprendizagem é também uma desaprendizagem”. A afirmativa nos inquieta e nos faz indagar se os cursos de formação docente não estariam contribuindo para que sujeitos, na condição de “produto dos saberes”, desaprendam as diversidades. Fica claro que a inserção de uma única disciplina na matriz curricular do curso de Pedagogia não soluciona da complexidade do problema. Contudo, o desafio está posto e estamos buscando nessas pequenas revoluções diárias fazer o enfrentamento necessário à mudança de paradigmas.

Referências

BRIZTMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CASTRO, R. P. de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2014.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FURLAN, C. C.; FURLAN, D. A. B. Gênero e Sexualidade na Formação de Professores/as: a Necessidade de Reflexões sobre a Prática Pedagógica. **Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 306-326, jul./dez. 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

